

“Aquele gorda, preta, bucha de canhão”: mulheres negras, gordas e faveladas frente a negação de direitos, espaços e dignidade no cotidiano, um manifesto

Shirley Silva Ramos¹

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo apresentar a construção social da *gordofobia* enquanto opressão estrutural atrelada a outras violências. Neste trabalho destacamos o racismo, sexismo e o preconceito de classe como principais marcadores. Situaremos enquanto sujeito da pesquisa, atravessada pelas questões destacadas, a mulher gorda, negra e periférica. A discussão será dividida em três eixos teóricos: inicialmente explicitaremos aspectos socio-históricos que produzem e legitimam a aversão ao corpo gordo. Posteriormente, introduziremos o debate sobre gênero, raça e classe discutindo a formação da condição marginalizada da mulher negra periférica na sociedade brasileira. No terceiro eixo destacaremos a interseccionalidade enquanto perspectiva teórico-metodológica para a compreensão da inter-relação das categorias/marcadores. Como parte das discussões, analisaremos matérias jornalísticas em que essas opressões atuaram empiricamente. Este ensaio tem o caráter de manifesto, pois, para além de lançar discussões teóricas acerca do tema, propõe uma reflexão contundente sobre corpos historicamente subalternizados em todos os segmentos sociais, inclusive nos debates acadêmicos.

Palavras-chave: Gordofobia. Corpo gordo. Mulher. Negra. Marginalização.

Abstract: This essay aims to present the social construction of fatphobia as a structural oppression linked to other forms of violence. In this work we highlight racism, sexism and class prejudice as the main markers. We will situate, as a research subject, crossed by the highlighted issues, the fat, black and peripheral woman. The discussion will be divided into three theoretical axes: initially, we will explain socio historical aspects that produce and legitimize the aversion to fat bodies. Later, we will introduce the debate on gender, race and class by discussing the formation of the marginalized condition of peripheral black women in Brazilian society. In the third axis, we will discuss intersectionality as a theoretical-methodological perspective for understanding the interrelationship of categories/markers. As part of the discussions, we will stand out some examples of news stories in which these oppressions appeared empirically. This essay has the character of a manifesto, as, in addition to launching theoretical discussions on the subject, it proposes a forceful reflection on historically subordinated bodies in all social segments, including academic debates.

Keywords: Fatphobia. Fat body. Women. Black. Marginalization.

¹ Graduanda em Humanidades da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB/CE).

Um preâmbulo necessário

Escrever um ensaio sobre gordofobia, tomando a mulher negra e periférica como protagonista, e não como um mero objeto de análise, é uma inspiração que se deriva das palavras de Grada Kilomba, no livro *Memórias da Plantação* (2019). Para esta autora, que se dedicou a elaborar respostas e diagnósticos sobre episódios de racismos cotidianos que atravessam os corpos negros, há muitas “vozes torturadas, línguas rompidas [...] e muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes” (p. 27). Estar em uma universidade pública, completando o primeiro ciclo do ensino superior, é um desafio para uma estudante como eu, que desde a infância sou marcada por diversas violências que estão enraizadas em estruturas que marginalizam meu corpo, minha cor, minha orientação sexual e o lugar que vivo. Ao perceber minha existência enquanto um ato político e agente de transformação social faz com que o caminho que minha mãe e minhas avós trilharam para que eu chegasse até aqui não fosse em vão. Sem dúvida, nossos passos vêm de longe, como preconizou Jurema Werneck (2010)², ao sentenciar que, nós, mulheres negras no Brasil, temos nossas estratégias para enfrentar o racismo e o sexismo cotidianos.

Grada Kilomba reforça que escrever o livro *Memórias da Plantação* foi um ato transformador, porque ela não figurava como objeto, mas como sujeito. Era ela quem descrevia a própria história e não aquela que era descrita. Esta autoria emerge, portanto, como um “ato político” (KILOMBA, 2019, p. 28), porque podemos nomear nossas próprias histórias. Portanto, este ensaio é resultado dessas reflexões que me foram impostas. Reflexões que, por vezes, não eram abordadas nas tradicionais salas de aula da universidade³. Quero enfatizar que escrever este ensaio não se restringe

² Werneck (2010, p. 10) destaca a heterogeneidade das mulheres negras ao afirmar: “As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos”.

³ Importante destacar o grande trabalho da intelectual e ativista afro-americana, bell hooks, “Ensinando a Transgredir” (2013, p.17-18), pois nesta obra podemos vislumbrar que outra pedagogia é possível: “Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a

à tentativa de passar de objeto a sujeito, mas de desenvolver o “pensamento feminista negro como teoria social crítica, como bem nos alertou a socióloga afro-americana, Patrícia Hill Collins (2019, p. 55) e isso implica em:

incluir tanto as ideias de mulheres negras que não eram consideradas intelectuais – muitas das quais da classe trabalhadora, empregadas fora da academia – quanto as ideias que emanam dos ambientes de conhecimento mais formais e legitimados. (Collins, 2019, p. 55)

Dessa forma, movida pela vontade de usar minha voz em espaços que antes não eram ocupados por mulheres parecidas comigo, neste trabalho busco apresentar algumas reflexões acerca das opressões enfrentadas diariamente por mulheres negras, gordas e moradoras de periferia. O objetivo deste ensaio é provocar inquietações a partir da apresentação de questões sobre a necessidade de discutir e enfrentar as violências que atuam de forma conjunta e atravessam a realidade dessas mulheres, de forma que nossas especificidades sejam debatidas em todos os espaços que ocupamos, desde a universidade, as ruas e os movimentos sociais.

Nesse sentido, procuro apresentar um panorama sobre os alicerces e funcionamento conjunto das estruturas de opressões que atuam sobre as mulheres que estão postas nas categorias trabalhadas neste ensaio. São trazidas reflexões sobre o corpo e as transformações das noções de beleza no Brasil, o conceito de gordofobia e suas características e alguns elementos sobre a condição marginalizada das mulheres negras no país. O segundo momento apresenta-se como a potencialidade do método e teoria interseccional para compreender e formular ações de enfrentamento contra essas estruturas, finalizando com propostas de caminhos possíveis para construção de transformações sociais que possibilitem a derrubada das desigualdades que atravessam nossos corpos.

Este ensaio apresenta-se como compromisso intelectual e político na contribuição para a transformação da realidade de mulheres que compartilham a mesma condição social que a minha. E assim como Conceição Evaristo falou “nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”⁴, então sigamos usando nossas vozes para que nossos pensamentos possam reverberar.

presença de todos seja reconhecida”. E, gostaria de acrescentar, que a presença, mas também as origens, vozes e histórias de todos também devem ser reconhecidas na sala de aula.

⁴ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

Por fim, devo explicar a frase que está no título deste ensaio, “*aquela gorda, preta, bucha de canhão*”. Em novembro de 2019, durante gravações de um filme em um quartel do corpo de bombeiros do Rio de Janeiro, a atriz Cacau Protásio sofreu ataques racistas e gordofóbicos⁵ por parte de um bombeiro. Em determinado momento desse ataque, um homem reproduziu a frase que foi inserida no título deste ensaio. Ao ler a matéria onde os ataques foram relatados, pude estabelecer uma conexão com a atriz num sentimento que Vilma Piedade (2017) vai chamar de dororidade, que acontece ao solidarizar-me e compreender que mesmo que vivenciando nossos corpos de maneiras subjetivas, o que nos une são as violências que nos ferem. Mas, hoje, esse ataque foi o que me deu forças para escrever este ensaio: precisamos reverter a dor em potência do agir.

Reflexões sobre corpo e beleza no Brasil⁶

O corpo, podendo ser entendido como nossa forma de ser e estar no mundo, está situado na linha entre subjetividade e materialidade no que diz respeito à procura por produzir um corpo dócil (FOUCAULT, 1987). Esta produção de um corpo domesticado não se encontra em um campo abstrato, mas sim imersa em relações de poder que objetivam o controle. Deste modo, atendendo aos ideais das épocas, a concepção social sobre o corpo gordo passou por diversas transformações na história brasileira. Nesse sentido, podemos afirmar que, contemporaneamente, estamos atravessando um período forte de “capitalização do corpo, relacionado à ascensão de modelos específicos de corporalidade” (LOUREIRO, 2017, P. 55).

Sant’Anna (2016) aponta que o corpo gordo vivenciou períodos em que foi cultuado e relacionado a riqueza e poder, em outros momentos foi exposto e ridicularizado para o entretenimento da sociedade. A noção valorizada sobre o corpo gordo é produzida junto às mudanças sócio-históricas e os interesses dos grupos que ascendem ao poder. Dessa forma, buscarei apresentar como o processo de

⁵ <https://www.otempo.com.br/brasil/bombeiros-atacam-cacau-protasio-aquela-gorda-preta-bucha-de-canhao-1.2267286>

⁶ Este ensaio foi produzido como requisito para a conclusão do Bacharelado em Humanidades na UNILAB/CE. Foi orientado pela Prof. Dra. Janaina Campos Lobo, do Instituto de Humanidades da UNILAB/CE e co-orientado pela doutoranda em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Flávia Luciana Magalhães Novais. Agradeço a Prof. Dra. Jacqueline da Silva Costa, professora do Instituto de Humanidades da UNILAB/CE pela disponibilidade de participar da banca avaliadora.

desenvolvimento do capitalismo no Brasil produz condições estruturais de opressão ao corpo gordo e constrói um padrão ideal de beleza que exalta a magreza.

Antes de dar prosseguimento ao desenvolvimento do objetivo apontado acima, buscarei expor um apanhado que indique um caminho teórico da relação entre mudanças sociais nas estruturas de poder e as concepções sobre os corpos gordos. Sant'Anna (2016) vai relatar que nos últimos anos do Brasil Império, as famílias Orleans, Bourbons e Bragança eram caracterizadas por sua gordura corporal, de forma que essa condição corporal indica fartura e riqueza, possibilitando a distinção em relação à camada popular, mas ao passo que esse corpo não era caracterizado por sua rejeição, ele não era um modelo a ser seguido, pois

os jornais daquela época já publicavam anúncios de cintas, espartilhos e dietas para aformosear a silhueta, mas ainda não se falava em contagem de calorias, cirurgia bariátrica ou índice de massa corporal." (Sant'Anna, 2016, p.11).

Esse contexto possibilita compreender que na pré-modernidade no Brasil, o corpo gordo estava mergulhado numa arena contraditória de significados sobre sua existência. Com o desenvolvimento do capitalismo, o corpo assume um papel complexo nas dinâmicas sociais, de forma que sua padronização condiciona o consumo, a fim de alcançar o ideal de beleza, produzindo *marcos nos processos civilizatórios do corpo feminino*.

Os processos de elaboração dos ideais de beleza direcionado ao corpo feminino cumprem demandas de dois pilares estruturantes da nossa sociedade: patriarcado e capitalismo. De acordo com Sant'Anna (2014), entre as décadas de 70 e 80 houve a expansão do mercado de cosméticos no Brasil, tendo as mulheres como público-alvo. Anos mais tarde, como efeito desse processo, buscou-se atingir públicos cada vez mais jovens, incluindo crianças, resultando na inserção precoce das meninas no "universo feminino adulto", passando pelas maquiagens, salões de cabeleireiros infantil até concursos de miss, onde as crianças "possuíam como padrão os corpos adultos, incluindo gestos, posturas e olhares distantes de toda inocência" (Sant'Anna, 2014, p.152).

Outro nicho do ramo da beleza que se apresenta como um marco no processo civilizatório do corpo feminino é a ascensão das cirurgias plásticas. Sant'Anna (2014) comenta que a cirurgia plástica no Brasil passou a ser bastante noticiada já em 1960, porém é na década de 80 que esses procedimentos passam a ser colocados como

produtos com um forte apelo publicitário. A cirurgia plástica desencadeia uma multiplicidade de obsessões na busca de corpo perfeito, destacamos aqui a cirurgia plástica enquanto produto de embelezamento (SANT'ANNA, 2014).

O "embelezamento" promovido pela indústria de cirurgias plásticas, é parte do conjunto de estruturas que alimenta o ideal de corpo perfeito. A construção e manutenção desse padrão corporal faz com que corpos que não se encaixam ao modelo imposto sejam excluídos e direcionados à margem. Deste modo, o corpo gordo, enquanto desviante, é encarado como uma falha a ser ajustada, assim produzindo as opressões que conhecemos como gordofobia.

Mas afinal, o que é gordofobia?

A gordofobia é a negação dos corpos gordos à vida pública, caracterizada pela categorização negativa dos indivíduos que estão fora de um padrão estético hegemônico. Um dos mecanismos que sustentam essa dinâmica é o estigma, que pode ser entendido como referência a um atributo profundamente depreciativo (GOFFMAN,1988). A dinâmica da reprodução da gordofobia é socialmente subjetivada. Na materialidade podemos observar cotidianamente o corpo gordo como objeto de condenação nas falas/piadas/tratamentos jocosos, nos esforços de atingir um padrão de magreza e no pavor das representações sociais do gordo, sendo possível também perceber o discurso médico sobre corpos gordos como legitimador e potencializador de estigmas, além de não reconhecer a autonomia da pessoa gorda (RANGEL, 2018).

Em uma de suas múltiplas faces, a gordofobia age de forma a controlar o corpo de dois grupos distintos: o primeiro grupo é o dos alvos diretos da gordofobia, que a partir da ridicularização, da hostilidade voltada para o corpo gordo, tenta fazer com que este sucumba ao corpo tido como padrão. O segundo grupo é controlado a partir da percepção do sofrimento de pessoas gordas, com isso este segundo grupo mantém o máximo esforço para que não se torne parte do primeiro (TOVAR, 2020). Esse esforço também se deve ao fato de o corpo gordo ser patologizado através do discurso médico, sua relação com a comida é demonizada, tornando o exercício físico quase como uma obrigação para que aquele corpo se torne "bonito e saudável".

A compreensão da gordofobia enquanto uma opressão estrutural que age cotidianamente sobre os corpos gordos é quase nula, o discurso médico faz com que esta violência seja mantida apenas como uma questão de saúde. A proposição médica da magreza como garantia única de saúde, estende-se ao imaginário social, desta forma ambos produzem uma categorização negativa que culpabiliza indivíduos gordos por seu corpo, “assim, um fenômeno social (a existência de corpos gordos) é vivido pelas pessoas como uma doença, deixando de ser apenas um atributo físico [...]” (FERREIRA, 2014 apud KOVALESKI e PAIM, 2020, p. 4).

Uma das ferramentas de legitimação do discurso médico gordofóbico é o **Índice de Massa Corporal**, este cálculo foi proposto em 1995 como forma de diagnosticar a obesidade. Tal índice sugere diagnóstico de obeso para pessoas com massa corporal igual ou superior a 30. O IMC surge de forma generalizada e que propõe um padrão corporal, ou seja, quanto mais distante do resultado que indica o corpo ideal mais anormal o indivíduo é (KOVALESKI e PAIM, 2020, p. 4). Sem considerar outros fatores ou a possibilidade da realização de consultas médicas que foquem na queixa do indivíduo além do seu peso, o tratamento prescrito é o emagrecimento. Assim, com a imposição de uma única possibilidade para esses corpos e com a difusão de métodos, produtos e ambientes focados exclusivamente na padronização de corpos, a gordura corporal passou a ser enfrentada como um problema de solução mais simplificada e fortalecendo no imaginário social o *status* estigmatizante do indivíduo-corpo. Assim, o corpo gordo parece fadado a explicações permeadas por estereótipos, sendo que “a associação entre obesidade e “risco” de morte ou de desenvolvimento de algumas doenças parece ter se tornado um “fato consolidado”, que inclusive prescinde de maiores explicações” (LOUREIRO, 2017, p. 60).

A compreensão da gordofobia enquanto uma opressão “aceitável” se constitui a partir de mecanismos que, assim como o discurso médico, propagam uma visão estereotipada acerca de pessoas gordas. As mídias assumem um papel importante na construção das percepções dos atores sociais e traz consigo, a partir de noticiários, novelas e programas de entretenimento, uma série de representações negativas de indivíduos de diversos grupos sociais.

Rangel (2018, p. 124) comenta que

A mídia tem papel fundamental na propagação do padrão de corpo considerado ideal. A prevalência de um tipo de corpo, cor, tipo de cabelo, cor dos olhos, dentre outras características entre as

protagonistas de novelas, dançarinas, apresentadoras etc. faz parte da criação de um padrão de beleza propagado pela mídia.

Como exemplo, cito a telenovela “Avenida Brasil”, que foi transmitida em 2012 pela Rede Globo de Televisão, na qual a atriz Cacau Protásio, uma mulher negra e gorda, representava a trabalhadora doméstica Zézé. As cenas desta personagem eram sempre levadas para o lado cômico, além de suas principais características serem bastantes desagradáveis, tais como fofoqueira, invejosa e bajuladora. As características desta personagem a diminuía, assim fortalecendo o papel de subserviência da mulher pobre, negra e gorda.

O “Programa da Tarde”, programa exibido de 2012 até 2015 na Rede Record, a fim de corresponder ao desejo sádico de ver o sofrimento de pessoas gordas em busca do emagrecimento, colocou em sua programação o quadro “Além do Peso”. O quadro contava com oito participantes gordos que a cada segunda-feira lhes era atribuída uma meta de perda de peso e na sexta-feira era feita a pesagem ao vivo. O participante que perdesse menos peso era eliminado, quase como forma de compensação ao espectador que esperava por resultados satisfatórios. Durante a semana a rotina de alimentação e exercícios dos participantes era apresentada e, não raramente, eram mostradas cenas que muito contribuíram para reforçar a ideia de que indivíduos gordos não consomem alimentos como verduras⁷, produzindo no espectador uma associação de que comida saudável para pessoas gordas se caracteriza como punição.

Outro mecanismo que podemos acionar enquanto expressão da gordofobia é a negação do acesso a espaços, direitos básicos e até mesmo a vestimentas. A mobilidade dificultada a partir de meios de transportes essenciais como ônibus é o que mais podemos observar no cotidiano de pessoas gordas, situações como travar na catraca e motoristas se recusarem a abrir outras portas do ônibus para que pessoas gordas possam entrar são bastante comuns⁸. A saúde é outro campo em que o acesso é precarizado e podemos observar a partir da falta de equipamentos que possam ser utilizados no atendimento a pessoas gordas⁹. O discurso cristalizado

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=-Oezk1BOso>. Acesso em junho de 2021.

⁸ <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/01/11/tenho-vergonha-de-sair-de-casa-diz-mulher-que-ficou-presa-em-roleta-de-onibus-em-guarapari.ghtml>. Acesso em julho de 2021.

⁹ <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/paciente-obeso-morre-a-espera-de-maca-especial-para-ser-transferido-a-uti-em-cuiaba.ghtml>. Acesso em julho de 2021.

que culpabiliza indivíduos gordos por não se adequarem ao padrão de corpo como conhecemos hoje e assim conseguirem acessar direitos básicos é posto em jogo quando analisamos essa exclusão como um problema coletivo, já que afeta um grupo de pessoas.

Nos últimos anos podemos perceber um grande avanço das discussões e produções no campo das Ciências Sociais acerca das relações de desigualdades que atravessam a sociedade, isto se alinha a um crescente avanço dos ativismos incluindo o ativismo gordo. Nesse sentido, lanço esforços para pensar a gordofobia a partir da perspectiva de que esta se constitui como uma opressão estrutural em interação com outras violências que detalharei nas seções seguintes.

A condição marginalizada da mulher negra no Brasil

Além da violência atravessar as raças, classes e gerações, as queixas das mulheres negras sofrem estigmatização pelos aparelhos do Estado, devido às mulheres negras serem moradoras de espaços considerados perigosos [...] (AKOTIRENE, 2018)

No Brasil, ser negra e pobre é ter sua trajetória projetada pelo Estado e sociedade a partir de uma lógica colonial onde corpos negros são subalternizados e/ou marginalizados, categorias onde devem permanecer até que morramos ou sejamos mortas pelo braço armado desse mesmo Estado. *A tripla exclusão* em que estão inseridas essas mulheres faz com que as práticas e estratégias de resistência – ou sobrevivência – sejam cada vez mais necessárias.

O processo de integração da mulher negra na sociedade brasileira é carregado de violências, que rasgam a pele e a dignidade. A intelectual e ativista negra Sueli Carneiro (2011) vai apontar que as mulheres negras sofrem a dupla opressão do racismo e sexismo, o que vai ocasionar processo de *asfixia social*, operando

[...] sobre todas as dimensões da vida, que manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no X nas ocupações de menor prestígio e remuneração. (CARNEIRO, 2011, p. 127)

Essa condição de dupla opressão vai relegar às mulheres negras um conjunto de violências particulares, que as colocam em condição de oprimida também pelas

mulheres brancas, posições sociais que se perpetuam desde a colonização¹⁰ (NASCIMENTO, 2021).

O processo inacabado e violento de integração social das mulheres negras no Brasil ainda é atravessado por manobras racistas da branquitude (CARDOSO, 2017). Dentro dos objetivos desse ensaio, destaco a mobilização de *imagens de controle* para as mulheres negras, as quais objetivam a constituição de representações estereotipadas como forma de legitimar a subalternização da posição da mulher negra e regular seus comportamentos (COLLINS, 2019; BUENO, 2020). No imaginário social brasileiro, Lélia Gonzalez identificou algumas categorias legadas às mulheres negras, como “mulata”, “doméstica”, “mãe preta” (GONZALEZ, 1984).

Nesse ensaio, aponto a categoria empírica da “negra favelada”, condição que é narrada de forma potente nos escritos de Carolina Maria de Jesus. Destacamos essa categoria pois ela engloba a realidade de um grande contingente de mulheres negras das zonas urbanas brasileiras e reflete o processo de integração desse segmento na sociedade de classes, onde territórios marginalizados e a pobreza são articuladas com o racismo. De acordo com Moura (1988) o processo abolicionista foi revestido de um caráter racista, a desarticulação do modo de produção escravista se deu paralelo ao projeto de branqueamento da população brasileira, jogando contingentes de sujeitos não-brancos para as margens das dinâmicas de trabalho e da cidade.

O território, que é demarcado no termo “favelada”, é condicionante e condicionado por desigualdades, de ordem simbólica e material. A produção social de favelas e periferias é possibilitada pelo fenômeno de segregação sócio-espacial que “institui uma ruptura naquilo que é contínuo, criando uma fronteira, uma borda, uma orla, ou seja, uma separação entre duas zonas” (SEGAUD, 2016, p. 165). A condição de “favelada” é operada também por violências simbólicas. O sociólogo francês Loic

¹⁰ Sobre os papéis e posições da mulher negra na colônia, Beatriz Nascimento vai nos falar que “devido ao caráter patriarcal e paternalista, atribui-se à mulher branca o papel de esposa e mãe, com a vida dedicada ao seu marido e filhos. [...] Contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra é considerada uma mulher essencialmente produtora, papel semelhante ao do homem negro, isto é, desempenha um papel ativo. Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não apenas nos afazeres da casa-grande como também no campo, desempenhando atividades subsidiárias do corte e do engenho. A sua capacidade produtiva, determinada pela condição de mulher, e, portanto, mãe em potencial de novos escravos, afirmava a sua função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interno” (NASCIMENTO, 2021, p.55).

Wacquant (2006), por exemplo, descreve o processo de estigma territorial, que marginaliza os moradores de territórios desprivilegiados socialmente.

A expressão “negra favelada” que se materializa numa categoria social, reflete o dispositivo de nomeação imerso em uma relação desigual de poder (LEITE, 2012 *apud* NOIREL, 2007). O adjetivo “favelada” é operado num processo de poder, intensificando a posição social desigual das mulheres negras. A renda, o trabalho, o acesso a cidade e serviços públicos, o (des)afeto e a maternidade interrompida pela violência policial, são algumas das violências estruturais que cercam a realidade desse segmento e aprofundam as condições interseccionadas que serão debatidas mais a frente.

Ponto essas discussões brevemente para sinalizar alguns elementos que formam as bases da discriminação e violências contra as mulheres negras moradoras de favela e periferia. A condição social dessas mulheres é atravessada articuladamente pela pobreza, a marginalização de seus territórios e o racismo. Um exemplo quantitativo que ilustra essa realidade social é apontado nos índices que 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza (IBGE, 2019). Com o acúmulo da discussão, proponho que é possível pensar a categoria de “mulher negra favelada” dentro da perspectiva de imagens de controle (COLLINS, 2019).

Interseccionalidade

Cotidianamente as dinâmicas sociais são experienciadas de diversas maneiras, apresentando opressões e conflitos. Para alguns indivíduos essas dinâmicas são atravessadas por múltiplas opressões que interferem diretamente na sua posição social e suas relações. A teórica crítica da raça, Kimberle Crenshaw (2002), vai conceituar este cruzamento como interseccionalidade, que seria a interação de duas ou mais categorias de opressão que irão influenciar na forma que se desenvolvem as dinâmicas de desempoderamento.

O conceito de interseccionalidade é proposto por Crenshaw dentro do campo jurídico estadunidense, visto a necessidade de abarcar a articulação de múltiplas violências estruturais que atravessam casos de mulheres negras (AKOTIRENE, 2018). A perspectiva também avança como proposta analítica da interação entre

opressões nas relações sociais. No campo das ciências sociais no Brasil é possível perceber uma guinada desses estudos, porém é importante destacar o lugar invisibilizado que mulheres negras ocuparam na produção e até como objeto de estudo para a formação do pensamento social brasileiro¹¹.

Lélia Gonzalez vai apontar no artigo “Por um feminismo afro-latino-americano” (1988) o papel fundamental do feminismo para conquistas e avanços de ordem material e simbólica em diversos segmentos no que diz respeito aos direitos das mulheres no Brasil, porém a questão racial, embora tenha tido um grande avanço em suas pautas, dentro deste movimento permanece secundarizada. Trazendo como complemento e forma demonstrativa da continuidade da invisibilização de mulheres negras ao longo dos anos, Akotirene (2019) apresenta uma crítica ao chamado “feminismo interseccional”, onde este produz apagamento do feminismo negro e cometeria racismo epistêmico, tendo em vista que o conceito de interseccionalidade foi proposto por feministas negras.

Dando continuidade à discussão do - não - lugar da mulher negra nos movimentos sociais, Luiza Bairros (2008, p. 140) comenta que:

[...] é também a mulher negra que desempenha um papel importante no processo de luta do negro ainda na escravidão, participando diretamente da formação e da defesa de quilombos. Essa mesma mulher negra é que povoa as estatísticas mais assustadoras das condições socio-econômicas em que vive o povo brasileiro. As constatações desse tipo acabam fazendo com que nós, mulheres negras organizadas no interior do Movimento Negro, comecemos a pensar em formas mais específicas de atuação e, ao mesmo tempo, sofremos uma discriminação muito violenta por parte dos militantes homens, que não aprofundam a questão da mulher, apenas a constatarem, desenvolvendo um processo de boicote da militância feminista dentro do Movimento Negro. O enfrentamento com o poder e o machismo se dá principalmente a partir das nossas relações com

¹¹Compreendemos que é necessário um rápido resgate sobre a posição das mulheres negras em obras que propuseram pensar a formação social do país. A população negra em obras clássicas é colocada enquanto elemento passivo e ocupa a posição social mais baixa, as mulheres negras em *Casa Grande e a Senzala* (FREYRE, 2005) só são acionadas para um lugar de relevância, no ponto de vista do autor, quando cumpre o papel de reprodutoras para o povoamento do território, tendo as violências e estupros, sob seus corpos, invisibilizados. Em trabalhos mais críticos sobre o processo da colonização como *A formação do Brasil contemporâneo* (PRADO, 1961), os processos de opressão racial e o lugar do negro na sociedade contemporânea também são secundarizados, é com esforços de autores negros como Clóvis Moura em *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988), que o Negro vai aparecer enquanto sujeito ativo da formação social brasileira e enquanto motor propulsor para uma revolução social, tema que Florestan Fernandes também vai debater em *Significado do Protesto Negro* (2012). Porém é com a participação crítica de mulheres negras nos movimentos sociais negros, e com a proposição teórica da intelectual militante Lélia Gonzalez que a mulher negra vai aparecer com o protagonismo na constituição da sociedade brasileira, discussão teórica que anuncia a necessidade cruzamento entre categorias sociais.

os militantes homens dentro do Movimento Negro do que propriamente por um questionamento das relações que cada uma de nós possa ter com seus companheiros. [...]"

Desta forma, a partir do acúmulo das discussões até este ponto, além de considerar a tríade de violências composta por racismo, sexismo e opressão de classe, proponho a análise a partir da interação destas opressões com a gordofobia, a fim de apontar a indissociabilidade desses marcadores e sua atuação na vida de mulheres que estão situadas nesse cruzamento. Assim, pensando na relação dialógica entre academia e lutas sociais e a partir da minha posição na sociedade enquanto uma mulher gorda, negra e favelada que proponho uma perspectiva enegrecida e classista do ativismo gordo.

Mulher gorda, negra e favelada, um manifesto

“O fato de estarmos aqui e de eu falar essas palavras é uma tentativa de quebrar o silêncio e de atenuar algumas das diferenças entre nós, pois não são elas que nos imobilizam, mas sim o silêncio. E há muitos silêncios a serem quebrados.” (LORDE, 2020, p.55)

Ao discutirmos as violências que estão presentes no cotidiano de indivíduos subalternos, se faz necessária a apresentação dos movimentos que, a fim de construir um novo mundo, propõem a ruptura deste sistema de opressões, desse modo o ativismo gordo surge com a necessidade de combater os estigmas atribuídos a pessoas gordas, lutar por acessibilidade a espaços físicos, assim como incitar a compreensão e o respeito à diversidade corporal (RANGEL, 2018).

As discussões propostas pelo ativismo gordo assumem a internet como principal palco para seu desenvolvimento. Uma das principais ferramentas de difusão das pautas e denúncias do movimento são as hashtags, mobilizadas em redes sociais como Instagram e Twitter. Essas hashtags são impulsionadas como bandeiras que contém denúncias no seu conteúdo, assim como “#GordofobiaNãoÉPiada” e “#CarnavalSemGordofobia”. A primeira promove o respeito aos corpos gordos, denunciando as violências que inibem a existência desses corpos, a segunda hashtag faz parte de um projeto que traz um conteúdo que provoca reflexões acerca das violências praticadas contra corpos gordos nos blocos de rua durante o carnaval e

propõe formas de combater a gordofobia nesses espaços, buscando produzir uma ocupação das ruas e festas por pessoas gordas.

As ações em torno do ativismo gordo apresentam algumas limitações que necessitam ser discutidas para avançar no enfrentamento à gordofobia. A primeira limitação que destacamos é o caráter excludente das discussões e ações propostas pelo ativismo, reproduzindo outras matrizes de opressão nas suas dinâmicas. Esse processo caracteriza-se inicialmente pelo campo de atuação, tendo em vista que o acesso às plataformas virtuais é permeado pelas desigualdades das estruturas raciais e de classe, produzindo um afastamento de mulheres negras e gordas em situação de vulnerabilidade, isso pode ser verificado quando não encontramos a realidade dessas mulheres nas pautas e bandeiras levantadas por esse ativismo. Outra limitação que afeta diretamente na atuação do ativismo gordo é a cooptação da pauta pelo capitalismo, configurando na integração sistêmica de alguns indivíduos produzindo uma representatividade vazia a fim de gerar consumo, nessa dinâmica a exclusão de setores marginalizados emerge novamente. Desse modo, a intelectual nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) vai nos alertar para o perigo de narrativas únicas onde a universalização das histórias promove o apagamento de demandas específicas de mulheres negras moradoras de favelas e periferias.

A gordofobia é constituinte das estruturas de poder, para pensar teorias e práticas capazes de questionar e desmantelar os mecanismos que sustentam as violências sofridas por mulheres negras gordas, é necessário apontar um pensamento que faça a intersecção com outras opressões que sustentam as desigualdades. Dessa forma, anuncio a necessidade de ampliação do debate sobre a gordofobia em outros espaços de luta, como os movimentos negros e os de mulheres, e em contrapartida as discussões sobre o corpo não podem mais reter-se a um corpo gordo abstrato que anseia apenas pela integração, mas sim reconhecer como protagonistas as mulheres negras que são triplamente violentadas. Logo, destaco que pautas como mobilidade, empregos e acessibilidade a direitos básicos por parte desse setor, devem ser discussões centrais no combate a essas estruturas que funcionam conjuntamente para a manutenção das desigualdades.

Na exposição de ideias, busquei propor algumas reflexões sobre o corpo gordo de mulheres negras e as diversas opressões que os cercam. A escassez de discussões acadêmicas sobre esse segmento demonstra a violência das estruturas

de poder sendo reproduzidas na academia. Dessa forma, esse ensaio soa como um grito de raiva, grito legítimo proposto por Lorde (2020) a fim de rachar e derrubar as estruturas que nos calam.

Nesse sentido, não é fácil escrever este ensaio, pois cada palavra posta representa um eixo da minha própria história, cada ponto discutido toca em feridas que há anos buscam cicatrizar, feridas que se abriram na escola, na rua, com amigos ou desconhecidos, que foram feitas como forma de manter meu corpo negro, gordo e favelado em situações que tiravam minha humanidade. Por isso, essas palavras que por muito tempo foram silenciadas, hoje assumem uma condição de ferramenta política possibilitando o questionamento e oposição aos saberes cristalizados que tanto se esforçam para sustentar suas estruturas desiguais. Por fim, as palavras proferidas neste trabalho, buscam trazer narrativas que anunciam a necessidade de um novo mundo possível. É o meu manifesto.

Referências bibliográficas

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BAIRROS, Luiza. “A mulher negra e o feminismo”. In: COSTA, Ana Alice Alcantara e SARDENBERG, Cecília Maria B. (orgs). **Relatório do Seminário Nacional: O feminismo no Brasil – reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: NEIM / UFBA, 1990. / O feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. 2ª ed. Salvador, NEIM / UFBA, 2008, pp. 139-45.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: Um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrílica revisitada e as críticas. In: MULLER, Tania M. P.; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. 190 p.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlè. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". **Revista de Estudos Feministas**, v. 7, n. 12, p. 171-88. 2002.

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Expressão Popular / Fundação Perseu Abramo, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GONZALEZ, Lélia. "Por um feminismo afrolatinoamericano". **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LEITE, Márcia Pereira. Da "metáfora da guerra" ao projeto de "pacificação". **Revista Brasileira de segurança pública**. v. 6, n. 2, p. 374–389, ago./set., 2012.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOUREIRO, Juliana. A gordura corporal como problema: uma reflexão sobre a literatura de autoajuda e os processos de subjetivação na contemporaneidade. In: CASTRO, Ana Lúcia; LANDA, Maria Ines (orgs.). **Corpos, poderes e processos de subjetivação: discursos e práticas na cultura contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo, Editora Ática. 1988.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PAIM, Marina. Bastos. KOVALESKI, Douglas. Francisco. **Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia**. Saúde soc., São Paulo, v. 29, n. 1, e190227, 2020. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902020000100310 & lng= pt \ nrm=iso. Acesso em: 8 abr. 2021.

PIEADADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRADO Jr., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

RANGEL, N. F. A. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados**. 2018. 178 f. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Ciência Política Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis Biblioteca Depositária: BU UFSC.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do Espaço: Habitar, Fundar, Distribuir, Transformar**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

TOVAR, Virgie. **Meu corpo, minhas medidas**. São Paulo: Primavera Editorial, 2018. 128 p. Tradução de: Mabi Cosa.

WACQUANT, Loïc. "A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada". **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, p.27-39, 2006. Traduzido do original em francês por Regina Guimarães.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe. Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN)**, v. 1, n. 1, mar-jun, 2010.